

“Nada sobre nós sem nós” a voz do usuário de cadeira de rodas praticante do método equoterápico e seus familiares sobre o bem-estar subjetivo

“Nothing about us without us” the voice of the wheelchair user who practices the equine therapy method and his family members about subjective well-being

DOI: 10.46814/lajdv3n5-022

Recebimento dos originais: 01/05/2021

Aceitação para publicação: 31/06/2021

André Luiz de Melo

Doutorando em Atividade Física e Saúde
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - Portugal
Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília - UnB
Prof. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano-*Campus* Valença
R. Glicério Tavares s/n, Bate Quente Valença - BA - Brasil
E-mail: melo.andreluiz@gmail.com

Teresa Paula Dias Figueiras

Doutorado e Mestrado em Ciências do Desporto
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto-FADEUP
Professora Auxiliar do Instituto Universitário da Maia-ISMAI
Av. Carlos de Oliveira Campos, Maia-Portugal
E-mail: tfigueiras@ismai.pt

Rui Manuel Nunes Corredeira

Doutor em Educação Física e Mestre em Atividade Física Adaptada
Diretor do Curso de Mestrado em Atividade Física Adaptada
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - FADEUP
Prof. Auxiliar da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Rua Dr. Plácido da Costa, 91, Porto-Portugal
E-mail: rcorredeira@fade.up.pt

Nuno José Corte-Real Correia Alves

Doutor em Ciências do Desporto, Mestre em Promoção da Saúde
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - FADEUP
Prof. Associado da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Rua Dr. Plácido da Costa, 91, Porto-Portugal
E-mail: ncortereal@fade.up.pt

RESUMO

As terapias alternativas não farmacológicas tem sido objeto de vários estudos e conquistado a adesão de profissionais da saúde nas esferas física e mental, mas poucas investigações têm demonstrado preocupação em ouvir os participantes, nomeadamente os praticantes submetidos a essas terapias. O presente estudo, de natureza transversal exploratória e abordagem qualitativa com enquadramento epistemológico voltado para um paradigma fenomenológico interpretativo, tem como objetivo conhecer os possíveis benefícios da equoterapia relacionados ao bem-estar subjetivo de usuários de cadeira de rodas, para tanto, buscou através de entrevistas semiestruturadas, analisar a narrativa dos próprios praticantes de equoterapia e seus familiares. Os resultados obtidos a partir de uma amostra

com 10 participantes sugerem ganhos relativos a autoestima, autoconfiança, autonomia, empoderamento, melhor relacionamento familiar com consequente melhoria da qualidade de vida e felicidade, ao que se conclui que a equoterapia pode contribuir positivamente para a elevação dos níveis do bem-estar subjetivo de usuários de cadeira de rodas.

Palavras chave: Equoterapia; Praticante; Bem-estar Subjetivo.

ABSTRACT

Alternative non-pharmacological therapies have been the subject of several studies and have won the support of health professionals in the physical and also mental spheres, but few investigations have shown concern with listening to the participants, namely the practitioners submitted to these therapies. The present study, of an exploratory cross-sectional nature and qualitative approach with an epistemological framework linked to an interpretative phenomenological paradigm, aims to learn about the possible benefits of equine therapy related to the subjective well-being of wheelchair users. Therefore, it sought through semi-structured interviews analyze the self-narrative of the equine therapy practitioners and their families. The results obtained from a sample with 10 participants suggest gains related to self-esteem, self-confidence, autonomy, empowerment, better family relationships with a consequent improvement in the quality of life and happiness. This leads to the conclusion that equine therapy can positively contribute to the elevation of the subjective well-being levels of wheelchair users.

Keywords: Equine Therapy; Practitioner; Subjective Well-being.

1 INTRODUÇÃO

O processo de construção deste estudo, dentre outras questões apreendidas, nos possibilitou absorver em cada passo dado, a sensação de poder contribuir, ainda que modestamente, para um segmento social que historicamente sofre preconceito, discriminação e exclusão social.

Entrevistar pessoas usuárias de cadeira de rodas é dar voz a quem muitas vezes está abaixo da linha do horizonte em que olhamos e que por vezes não o enxergamos.

[...] eu sou cadeirante, eu vou conversar com a pessoa, a pessoa geralmente fica em pé, eu peço, vamo sentar [...] e no cavalo, quando é na equoterapia...o profissional fica abaixo de mim [...] conversa com a gente oiando com o olho a olho (C2).

Esse autorrelato de um dos participantes entrevistados neste estudo, traz à tona a necessidade e importância da visibilidade de pessoas com deficiência para além dos números.

Tendo adotado a abordagem qualitativa, este estudo faz uso da entrevista semiestruturada enquanto ferramenta de recolha de dados para se conhecer os benefícios da equoterapia subjacentes ao que pensa o praticante, nesse caso o usuário de cadeira de rodas, na perspectiva da melhoria do bem-estar subjetivo (BES).

Perceber o que é importante para o outro através do outro, isso se traduz na materialização do lema, nada sobre nós sem nós, bem representativo da organização não-governamental (ONG) *Disabled People South Africa* (DPSA) (Rowland, 2001).

Há também uma preocupação em conhecer o que pensam os familiares do praticante sobre a influência da equoterapia em sua vida, pois no meio em que ele se encontra contextualizado há fatores sociais que exercem influência sobre si e dele também recebem, o que se configura na dinâmica das relações interpessoais.

Isto nos remete à abordagem ecológica definida como um conjunto de estruturas encaixadas e interconectadas, nomeadamente microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (Bronfenbrenner, 2011; Martins & Szymanski, 2004).

Considerando essa dinâmica das relações entre o indivíduo e as estruturas que o envolvem, foi incluída neste estudo a participação dos familiares do praticante de equoterapia e outros significativos que “são as outras pessoas do ambiente da pessoa em desenvolvimento” (Narvaz & Koller, 2011, p. 62).

Por ocasião da realização das entrevistas, também se procedeu à recolha de material de apoio à análise documental na Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), o que contribuiu para o enriquecimento deste estudo que tem como objetivo conhecer e analisar os possíveis benefícios da equoterapia relacionados ao bem-estar subjetivo de usuários de cadeira de rodas.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal exploratório de abordagem qualitativa com um enquadramento epistemológico voltado para um paradigma fenomenológico interpretativo e que utiliza como método de recolha de dados, a entrevista semiestruturada e análise documental.

Um estudo piloto desenvolvido conjuntamente com uma pesquisa de mestrado (Costa, 2020), serviu de base para uma melhor estruturação metodológica e adaptação do guia das entrevistas.

Os critérios de inclusão e exclusão foram definidos separadamente para praticantes e seus familiares.

Critérios de inclusão para o praticante: possuir cognitivo preservado, ser usuários de cadeira de rodas e frequentar centro de equoterapia formalizado e administrado por algum Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF).

Critério de exclusão para o praticante: menor de 10 anos de idade, menos de 3 meses de prática equoterápica.

Critério de inclusão para os familiares ou outros significativos: ser acompanhante do usuário de cadeira de rodas nas sessões de equoterapia.

Critério de exclusão para os familiares: não conviver na mesma residência do praticante.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Composta por 10 participantes, a amostra engloba usuários de cadeira de rodas praticantes de equoterapia e seus familiares ou outros significativos.

Relativamente aos praticantes, 2 possuíam diagnóstico de Paralisia Cerebral (PC) e 2 sofreram acidente com seqüela de lesão medular, foram 3 homens e uma mulher, sendo um viúvo e três solteiros, a idade variava de 12 a 57 anos, correspondendo a uma média de 30,75 anos ($\pm 19,97$).

Com relação aos familiares e outros significativos dos praticantes, são 3 pais, uma filha, uma irmã e uma cunhada, a idade entre eles variou de 17 a 71 anos que se resume a uma média de 40,6 anos ($\pm 22,81$).

2.2 PROCEDIMENTO DAS ENTREVISTAS, VALIDAÇÃO E CONSISTÊNCIA INTERNA

De posse do parecer 10/2019 da Comissão de Ética da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (CEFADE) e já em campo, foram colhidas as devidas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nesse sentido, foi seguido um protocolo de seis etapas que consistiu na realização de cópia de segurança, definição do tipo de transcrição, ouvir todo o áudio antes de transcrevê-lo, transcrição, edição corrigindo erros e por fim a definição do local da armazenagem (Azevedo et al., 2017).

As transcrições foram salvas em documento *word* e em seguida trabalhadas no *software* Nvivo 12 onde foram criadas 4 categorias de análise e 16 subcategorias considerando a categoria núcleo (Figura 1) que foram definidas com base na análise dedutiva seguindo as etapas: organização, codificação e categorização (Bardin, 2018).

Visando dar consistência interna, a codificação foi feita por dois investigadores separadamente e quanto a validação, procedeu-se ao *member checking* que consiste no envio de todas as transcrições aos participantes entrevistados para as devidas ratificações (Candela, 2019).

2.3 ANÁLISE DOS DADOS

A organização da análise foi feita seguindo os passos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com as devidas inferências e interpretações (Bardin, 2018) e para a validação, foi realizada uma triangulação dos dados (Patton, 1999; Souza & Zioni, 2003).

A triangulação dos dados se origina do fato de uma mesma pergunta ter sido respondida por diferentes fontes (praticantes, familiares e outros significativos), o que caracteriza sobreposição do caráter unidimensional por uma análise multidimensional dos dados colhidos (Adorno & Castro, 1994).

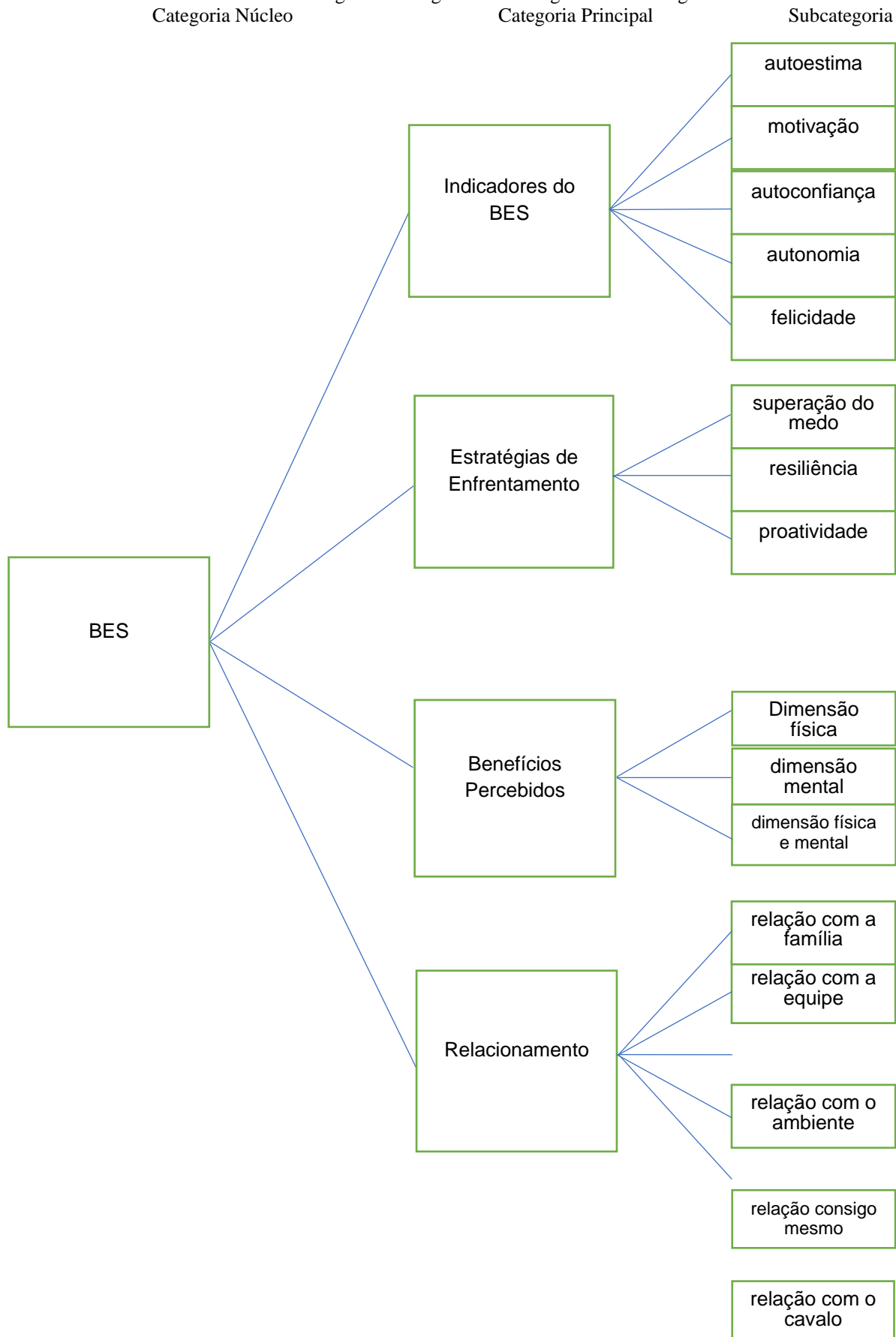
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O rastreamento dos centros de equoterapia com potencial para fornecer participantes a este estudo, foi realizado na abrangência da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica através dos 38 IFs que a compõem, dos quais, foram verificados 8 com centro de equoterapia implantado e também administrado pelos seus respectivos *campi* o que envolveu a participação do IF Goiano *Campus Ceres*, IFRS *Campus Sertão* e IFMG *Campus Bambuí*.

Todos os centros de equoterapia incluídos neste estudo estavam filiados à ANDE-Brasil, esta introduziu a equoterapia no Brasil onde possui 340 centros filiados, sendo responsável pelo reconhecimento formal da equoterapia, a exemplo, o parecer nº6/97 do Conselho Federal de Medicina (CFM), a resolução nº348/2008 do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e a Lei federal nº13830/2019 que regulamenta a prática equoterápica no território nacional (ANDE-Brasil, 2020).

Relativamente às 16 subcategorias que emergiram das 4 categorias principais (figura 1), destaca-se uma ligação direta e aporte à categoria núcleo BES, no sentido de identificá-lo em meio aos dados obtidos.

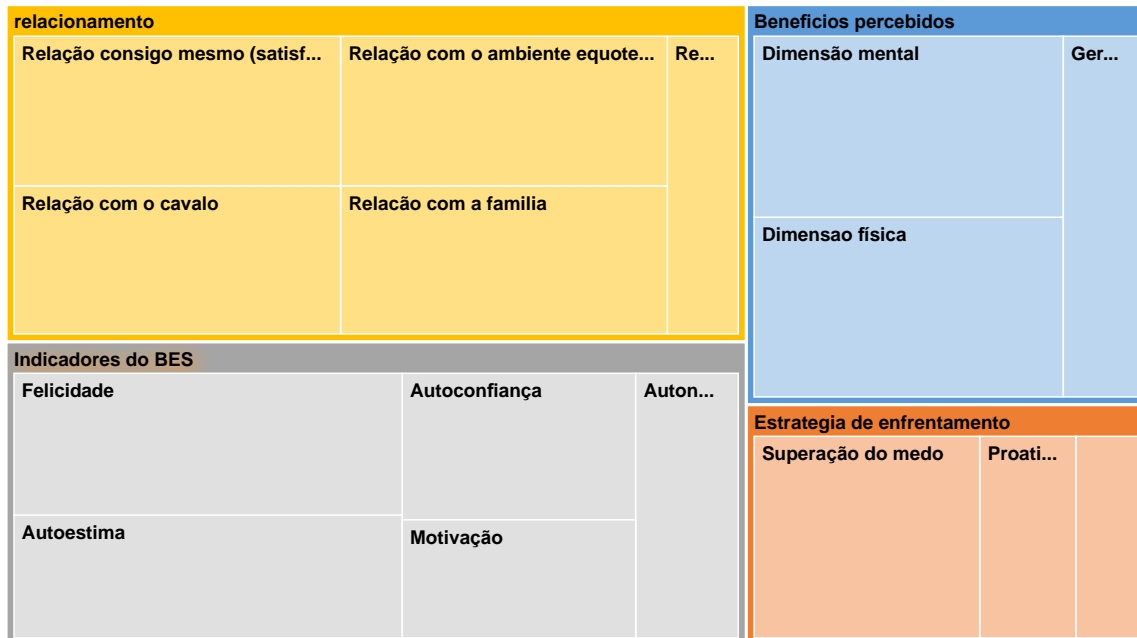
Figura 1 - Diagrama das categorias e subcategorias



Fonte: Dados do estudo

As categorias e subcategorias podem ser melhor visualizadas na perspectiva das codificações que trazem a partir das narrativas analisadas, um realce às semelhanças do sentir e pensar de cada participante, o que se configura no contexto interpretativo do fenômeno estudado (figura 2).

Figura 2 – Gráfico da densidade das codificações



Fonte: Dados do estudo

Em síntese, a figura 2 evidencia um maior volume de codificações nas categorias de análise relacionamento e indicadores do BES, embora esta apresente um volume geral de codificações ligeiramente inferior à primeira, destaca-se uma das suas cinco subcategorias, nomeadamente a felicidade por se sobrepôr a todas as demais em termos de concentração de codificações a ela associadas.

A categoria de análise relacionamento apresenta uma distribuição das codificações nitidamente equilibrada entre quatro das cinco subcategorias que a compõem, portanto, a relação com o cavalo, relação com o ambiente equoterápico, relação com a família e relação consigo mesmo obtiveram semelhante volume de codificações.

Isso denota um grau de importância demonstrado pelos entrevistados de forma equânime para as referidas subcategorias, o que reforça a relação direta entre elas na perspectiva de melhoria da qualidade de vida e bem-estar, o que na prática se traduz em experiências favoráveis à melhoria do BES, dadas as possibilidades de afetos positivos vivenciadas.

Na relação com o cavalo e com o ambiente equoterápico, o espaço ao ar livre, rico em estímulos sensoriais, representa uma fonte de atividades propícias ao desenvolvimento de emoções positivas, ao que se define como boas práticas em contato com a natureza (Corredeira & Bastos, 2019).

Nesse contexto, os praticantes desenvolvem experiências prazerosas que ficam registradas em sua memória fazendo-os associar o cavalo e o ambiente equoterápico a afetos positivos, afinal, o ambiente é considerado um importante influenciador entre os determinantes do BES (Woyciekoski et al., 2012).

Ainda no universo da categoria de análise relacionamento, a destacada frequência de codificações verificada nas outras duas subcategorias, relação com a família e relação consigo mesmo, pode ser nesse caso, atribuída ao direcionamento dado nas sessões de equoterapia com ênfase na socialização, que começa a ser percebida no âmbito familiar e que se revela em afetos e autoestima (Borioni et al., 2012; Wilson et al., 2017).

Diante dos diversos fatores que permeiam o tratamento equoterápico, direta ou indiretamente envolvidos, mas que se somam enquanto importante suporte prático ao referido tratamento, destaca-se nesse processo, a contribuição parental (Romaniuk et al., 2018).

A conjuntura vivida por cada praticante e o valioso envolvimento da família, somados ao ambiente equoterápico, nos reporta ao modelo processo-pessoa-contexto que emerge nos paradigmas da abordagem ecológica. Isto resulta em uma melhor compreensão do desenvolvimento humano que tem como base a função conjunta das características do ambiente e da pessoa (Bronfenbrenner, 2011).

A sintonia verificada entre as subcategorias da categoria de análise relacionamento se justifica pelo vínculo estabelecido entre os dois contextos ou microssistemas que as representam (Bronfenbrenner, 1996), ou seja, família e centro de equoterapia.

Essa importância do envolvimento da família pode ser observada na fala dos entrevistados onde se destacam benefícios bilaterais, ou seja, da família enquanto suporte para o praticante e deste para um melhor relacionamento com seus pares no mesmo contexto envolvidos.

Ao justificarem sua presença no centro de equoterapia ao lado do praticante, familiares e outros significativos argumentam:

[...] Pra ajudar, pra acompanhar, porque a pessoa fica mais segura do lado da família [...] uai a família é o apoio né, é quem apoia, igual lá na equoterapia eles focam bastante pra família ir (C1).

Por outro lado, os praticantes destacam a influência da equoterapia na dimensão da felicidade que experienciam e como consequência, verifica-se uma importante melhora no convívio familiar, como pode ser observado nos autorrelatos a seguir.

[...] Eu sou muito mais feliz, antes por qualquer coisinha eu já tava revoltado, brigando, agora parece que com a equoterapia mudou (S3).

Este autorrelato foi ratificado pelo parente com o qual o praticante convive e que oportunamente acrescentou, como pode ser verificado a seguir, importantes dados sobre afetos positivos na relação familiar verificados após a introdução da equoterapia em sua rotina de vida.

[...] Ele, tipo depois que começou a fazer equoterapia, ele fica mais disposto né, ele vai, tipo quando ele vai assim tem vezes assim que ele vem um pouco mais cansado mas sempre disposto a fazer coisas novas né, daí, depois ele, é fica naquela sabe, fica mais, como eu posso explicar, ele fica mais querido, depois que ele passou a frequentar mais a equoterapia assim né, não brigamos tanto (risos) (S4).

O estado de felicidade relatado pelos participantes tem origem na equoterapia e reflete no seu bem-estar que por sua vez contribui para um melhor relacionamento familiar.

Por associação, o bem-estar do praticante promovido pela equoterapia tem reflexo nas suas relações pessoais e atividades de vida diária, o que se traduz em uma melhor qualidade de vida, ou seja, os afetos positivos experienciados pelo praticante no âmbito da equoterapia, são ganhos que também os acompanham fora do ambiente equoterápico (Kendall et al., 2015; Shen et al., 2018).

As experiências prazerosas vivenciadas no âmbito equoterápico extrapolam esse ambiente de forma natural, como foi abordado no parágrafo anterior, ou de forma planejada pelo praticante e seus familiares, como consta no autorrelato de outro participante, inclusive com benefícios a nível de autoconfiança, motivação, autonomia, estratégia de enfrentamento e resiliência em um único exemplo a partir da prática equoterápica.

O entrevistado descreve a equoterapia como uma nova e prazerosa experiência em sua vida, tão prazerosa que decidiu adotar um cavalo com total aprovação da família.

E como em seguida descreve, planejou uma estratégia de enfrentamento para a superação definitiva do medo de montar, o que envolveu um passeio a cavalo juntamente com um amigo também adolescente, e já há 2 Km de casa, sofre uma queda, ao que ele conclui:

[...] E, e daí muita gente pensou que eu não ia ter mais coragem de montar e aí ligaram pra meu pai vim me buscar de carro, que nada, eu vim montado de volta (risos) (S3).

Com base na experiência equoterápica e sua conseqüente influência na vida do praticante, o episódio relatado representa uma estratégia de enfrentamento bem-sucedida, focada na superação do medo.

Em um total de três, superação do medo é a subcategoria que concentra mais da metade das codificações relativas à categoria de análise estratégias de enfrentamento (figura 2), mas as outras duas subcategorias, proatividade e resiliência, embora menos frequentes nas codificações, representam valiosos atributos dos participantes fortalecidos pela equoterapia, conforme foi verificado nas narrativas, à exemplo o episódio acima relatado.

Ainda sobre o medo de montar, este é sempre relatado pelos praticantes nas sessões iniciais, afinal, o cavalo é um animal de grande porte, portanto é comum que haja receio, principalmente em se tratando de um usuário de cadeira de rodas com dificuldade de controle de tronco. Por outro lado, o medo representa um desafio a ser superado (Debusse et al., 2009).

A estratégia de enfrentamento abordada, denota proatividade e resiliência por parte do praticante que ainda nos permite vislumbrar na sua experiência com o cavalo, indicadores do BES, especialmente pela relação direta com a felicidade (Diener & Diener, 1996).

A felicidade, a autonomia e a autoconfiança, assim como a motivação e autoestima, também estão implícitas no autorrelato do participante, o que pode ser associado a afetos positivos em sua vida, uma vez que estes incluem confiança, otimismo, autoeficácia, flexibilidade e enfrentamento satisfatório perante eventos estressores (Lyubomirsky et al., 2005).

É importante observar nesse episódio vivido pelo participante S3, que há presença de afetos negativos (queda com grande risco de lesão grave), entretanto, relativamente a esses afetos indesejáveis existe uma clara sobreposição dos afetos positivos, o que representa um importante fator de caracterização do BES (Diener & Diener, 1996).

A experiência relatada, com destaque a adoção de um cavalo, pode ratificar a afinidade, o carinho e o reconhecimento que os praticantes têm e expressam em relação ao animal.

[...] O contato com a equipe, tanto com, também a gente fala equipe, não é só o ser humano, tem os animais também que nos ajuda, estimula bastante (C2).

O cavalo é aqui, entendido como um membro da equipe, ou seja, compreendido como um dos responsáveis pelo tratamento e igualmente responsável pelos benefícios alcançados, ao que o praticante merecidamente o concebe como um equino terapeuta, concepção essa que está corroborada na literatura (Gregati & Silva, 2016; Majewski & de Oliveira, 2020).

Assim como os laços afetivos entre o praticante e o cavalo podem estar associados à melhoria dos relacionamentos sociais, a relação que é estabelecida com a equipe também reforça essa possibilidade, ao que os participantes descrevem.

[...] Mais disposição, essa energia trocada junto com o cavalo [...] e com o pessoal daqui também sabe, é muito importante, acho que é importante também, eu quero conversar o

particular da gente com eles sabe, pra gente poder trabalhar um pouco mais, se sentir um pouco mais leve tendo essa conversa com eles (S5).

A postura amigável dos terapeutas contribui para um relacionamento de confiança com o praticante que é induzido a desviar o foco da doença através de uma estratégia de atendimento embasada na abordagem holística que caracteriza o tratamento equoterápico e que mais se aproxima da salutogênese onde a pessoa é vista em sua plenitude, sem atribuir ênfase à doença, mas em seu potencial (Antonovsky, 1996).

[...] Não, ele preocupa com a termo de saúde e com uma certa geral (bem-estar geral) do paciente né, ele não trabalha só com a equoterapia, trabalha com a mente da pessoa também né, não é a doença [...] (C2).

Todo esse atendimento diferenciado promovido pela equipe dos centros de equoterapia, ajuda na convivência familiar, como já foi percebido nos autorrelatos, assim como ocorre na relação saudável estabelecida com o cavalo, o que parece influenciar positivamente no bem-estar e empoderamento do praticante.

[...] Eu quando tou andando a cavalo, eu me sinto mais livre tipo, é como se eu pudesse fazer tudo que eu quiser em cima do cavalo, me dá uma sensação de liberdade, eu acredito que eu sou o Incrível Hulk, que posso fazer tudo, eu me sinto, me [...] Eu me sinto que eu posso fazer tudo, assim eu posso ser um milionário, rico, dono de fazenda, eu me sinto que eu posso fazer tudo que uma pessoa normal faz (S3).

É interessante observar essa sensação produzida pelo cavalo ao ser conduzido pelo praticante, pois partindo do princípio de que a cadeira também lhe possibilita mobilidade, é o cavalo que o faz se sentir livre e empoderado, chegando a sensação de não possuir deficiência ou limitações como foi relatado pelo participante que inclusive abre um ponto comparativo entre a cadeira de rodas que o aprisiona e o cavalo que o liberta.

[...] Quando eu ando na cadeira me dá uma sensação que eu tou preso só naquele lugar, quando eu tou no cavalo me dá uma sensação de liberdade. É, é porque, é porque o cavalo, o cavalo ele só num tá te levando, ele, ele mexe com todo teu corpo e a cadeira, ela tá te levando mas tu não tá fazendo nenhum exercício e tu montado no cavalo tu mexe todos os, os ossos do teu corpo, os músculos, tu mexe tudo (S3).

Para além da sensação prazerosa de liberdade existe a possibilidade de comunicação, dada a sensibilidade que o cavalo possui e que só pode ser percebida por alguém igualmente sensível, como o praticante que, ao estabelecer um sentimento de apego e sintonia com o animal, é capaz de observar detalhes sutis que estreitam essa relação (Roberts, 2020).

[...] Que, que nem eu te disse, antes de eu começar a montar morria de medo, antes chegar perto de um cavalo eu morria de medo e agora, e agora eu noto, parece que o cavalo percebe quando a pessoa tem alguma deficiência, vamos colocar assim, alguma deficiência, parece que o cavalo entende, ele vai mais devagar, mais tipo, parece que o cavalo tem consciência, ele vai mais devagar, ele anda mais calmo do que uma pessoa normal montada em cima (S3).

A sensibilidade e capacidade de resposta do cavalo à linguagem corporal humana, contribuem para o praticante melhorar a consciência das suas emoções, respostas corporais e comunicação (Johansen et al., 2014).

Esse comportamento do cavalo pode estar associado à sua característica de animal de fuga, que tem o instinto de luta bem desenvolvido e consegue perceber as situações à sua volta e até emoções inconscientes projetadas pelo praticante, com maior precisão que o próprio terapeuta humano (Lentini & Knox, 2015).

A comprovada comunicação que pode ser estabelecida entre o homem e o cavalo (Roberts, 2020), se traduz na equoterapia, em fatores que contribuem para uma maior satisfação do praticante, uma vez que este evidencia o cavalo a manter especial sintonia com suas necessidades emocionais (Tuuvás et al., 2017), o que representa um importante feedback para o tratamento equoterápico.

Ao avaliar a importância do vínculo na sua relação com o cavalo, o praticante está fazendo uso de pelo menos dois componentes do BES, o afeto e a cognição, caracterizando com isso, aspectos comportamentais e cognitivos na sua atitude (Ostrom, 1969).

O BES é um campo de estudo onde as pessoas avaliam sua própria vida referenciadas em dois constructos, a satisfação com a vida que corresponde a uma dimensão cognitiva, e os afetos positivos e afetos negativos, estes de dimensão emocional, são representados pelas experiências vividas, também associadas à felicidade (Diener & Diener, 1996).

Concebido em três categorias, o BES pode ser considerado um estado em que os afetos positivos se sobrepõem aos negativos, em outra categoria, busca-se analisar as razões que levam as pessoas a avaliarem suas vidas definindo-as em termos positivos como vida feliz e por fim, o bem-estar é associado a fatores externos ao indivíduo (Diener & Diener, 1996).

A avaliação da equoterapia pelo praticante, passa pela dimensão cognitiva de satisfação com a vida e felicidade, o que pode ser constatado nos autorrelatos, imbuídos de indicadores de afetos positivos vividos no âmbito equoterápico.

[...] Hoje passo, se deixar eu passo a tarde (risos) de tanto que eu gosto, agora teve nova sessão, agora eu não vejo a hora que chegue a terça-feira que vem pra eu poder voltar aqui porque eu não aguento não (risos) e é por essa troca de, de energia também nossa, isso é bom pra poder sair um pouco daquele transtorno da cidade (S5).

A satisfação descrita pelo participante evidencia a sensação prazerosa vivida por ele no âmbito equoterápico, ao que despertou durante a entrevista, uma pergunta sobre o que representa para si o dia da equoterapia.

[...] É um dia sagrado (risos) (C2).

[...] Sensação de liberdade. Eu me sinto melhor (B2).

[...] Eu acho que nem no meu caso que não caminho, é a sensação de liberdade. Pode ser que alguém que caminha teja outra sensação, mas que nem no meu caso é a sensação de liberdade (S3).

[...] é de me, me tornar mais independente sabe, hoje passo, se deixar eu passo a tarde (risos) de tanto que eu gosto (S5).

Verifica-se que a sensação de liberdade é um sentimento frequente e enfaticamente relatado pelos praticantes. Dada a sua condição de usuários de cadeira de rodas, o cavalo parece representar uma extensão do seu corpo, especificamente suas pernas.

Isto é compreensível pois embora a cadeira de rodas também lhe proporcione locomoção, é o cavalo com seus estímulos motores, que lhes transmite a experiência de estar a andar.

É possível identificar nessa experiência, importantes ganhos psicológicos sintetizados na categoria dos indicadores do BES, como autoestima, autonomia, felicidade, motivação e autoconfiança, assim como uma estratégia de enfrentamento a reforçarem seu empoderamento.

[...] Eu acho que eu posso, em cima do cavalo eu acho que posso fazer tudo, tudo que eu imagino, coisas até difícil de imaginar em uma pessoa normal, tando em cima do cavalo eu imagino que eu posso fazer tudo, tudo que eu quiser, dá uma sensação de liberdade ... Eu tenho a sensação que sou normal, que posso ir pra qualquer lado sozinho (S3).

Posto isso e constatada a elevação da autoestima e empoderamento, verificam-se relatos que dão suporte a subcategoria (Relação consigo mesmo) da categoria de análise relacionamento.

[...] Sim, sim, que nesse caso a gente fica né, ficava em casa parado, depois com a equoterapia a gente viu que, que eu cadeirante não consigo ficar só em casa, tem [...] tanto é que a equoterapia ajudou bastante, desenvolveu bastante a mente também (C2).

Em outro relato, o significativo do usuário de cadeira de rodas destaca que o fator vergonha, diretamente ligado a baixa autoestima, o mantinha em casa com um contato social restrito, mas que a equoterapia o fez mudar, o que significa elevação da autoestima.

Que antes ela tinha, ela tinha muita vergonha sabe (B1).

A constatação das superações relatadas, são evidências de que a equoterapia ultrapassa objetivos específicos relacionados a ganhos diretamente ligados às limitações físicas decorrentes das patologias vividas pelos praticantes e atinge uma esfera mais ampla de resultados psicossociais.

Nesse sentido, o caráter socializador promovido pela equoterapia, se manifesta não apenas no âmbito familiar, ou contexto imediato mas em uma socialização mais abrangente, a nível de macrossistema (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Com efeito, os benefícios da equoterapia até então discutidos, retratam a última categoria de análise elaborada nesse estudo, benefícios percebidos. Entre suas três subcategorias, dimensão geral foi a menos abordada, já dimensão física e dimensão mental acumularam juntas e majoritariamente, o maior volume de codificações, se aproximando da totalidade (figura 2).

Isso nos faz perceber que o usuário de cadeira de rodas, dada a sua limitação física e que geralmente o mantém numa condição de sedentarismo, busque a equoterapia na perspectiva de se obter benefícios motores, mas a estes estão associados os benefícios psicológicos oriundos das experiências prazerosas vivenciadas, o que se traduz em bem-estar.

4 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A localização geográfica dos centros de equoterapia incluídos neste estudo a envolver regiões com extremos a serem percorridos entre si, gerou demanda de tempo e recursos para o deslocamento.

Diante disso, a visita aos referidos centros decorreu com intervalos maiores do que o esperado entre cada uma delas, nesse cenário, surgiu a pandemia relativa ao novo corona vírus.

Consequentemente, a amostra que inicialmente seria de 12 participantes, encolheu para 10 devido ao fechamento do último centro de equoterapia por um período superior a um ano e considerando que os participantes eram todos oriundos da zona rural, sem fácil acesso à internet, não foi possível realizar as entrevistas através do aplicativo zoom ou similar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ouvir os áudios, transcrevê-los e voltar a ouvir para se certificar de que tudo foi anotado, nos fez perceber o valor das informações obtidas, isso nos remete ao que a literatura descreve como importância da diferenciação entre volume e riqueza de dados (Fusch & Ness, 2015).

Essa riqueza e não grandeza de dados obtidos nos autorrelatos, é um fator deveras relevante em estudos qualitativos e em se tratando de BES, sabe-se que este possui suas bases em estudos empíricos que se caracterizam por medidas de autorrelato (Diener & Emmons, 1984; Lucas et al., 1996).

Em sua essência, os autorrelatos dos usuários de cadeira de rodas nos permitiram vislumbrar indicadores do BES ao avaliarem suas próprias vidas, levando-se em conta o tratamento equoterápico

onde há clara evidência de mudança de humor, elevação da autoestima, motivação, resiliência no enfrentamento às adversidades, autoconfiança e felicidade.

Os dados apresentados pelos praticantes foram ratificados por seus familiares e outros significativos, ao que se conclui que a equoterapia contribui positivamente para o BES do usuário de cadeira de rodas, colaborando para seu empoderamento, o encorajando no enfrentamento das AVDs, melhor relacionamento familiar e consequente melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- Adorno, R. d. C. F., & Castro, A. L. d. (1994). O exercício da sensibilidade: pesquisa qualitativa e a saúde como qualidade. *Saúde e Sociedade*, 3(2), 172-185. doi:10.1590/S0104-12901994000200009
- ANDE-Brasil. (2020). Associação Nacional de Equoterapia. Consult. 6 março 2020, 2020, disponível em www.equoterapia.org.br
- Antonovsky, A. (1996). The salutogenic model as a theory to guide health promotion. *Health promotion international*, 11(1), 11-18. doi:10.1093/heapro/11.1.11
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*(14), 159-168.
- Bardin, L. (2018). *Análise de conteúdo* (4 ed.). Lisboa: Edições 70.
- Borioni, N., Marinaro, P., Celestini, S., Del Sole, F., Magro, R., Zoppi, D., Mattei, F., Dall'Armi, V., Mazzarella, F., Cesario, A., & Bonassi, S. (2012). Effect of equestrian therapy and onotherapy in physical and psycho-social performances of adults with intellectual disability: a preliminary study of evaluation tools based on the ICF classification. *Disability and Rehabilitation*, 34(4), 279-287. doi:10.3109/09638288.2011.605919
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre - Brasil: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos* Porto Alegre- Brasil: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In J. Wiley (Ed.), *Handbook of child psychology* (5 ed., pp. 993-1028). New York.
- Candela, A. G. (2019). Exploring the function of member checking. *The Qualitative Report*, 24(3), 619-628.
- Corredeira, R., & Bastos, T. (2019). *Manual de boas práticas em atividade física na doença mental grave*. Porto - PT: Editora FADEUP.
- Costa, G. H. (2020). *Análise de um Programa de Equitação Terapêutica na paralisia cerebral: os benefícios percebidos por um utente, a sua mãe e a terapeuta*. FADEUP: Universidade do Porto. Relatório de Estágio apresentado a
- Debusse, D., Gibb, C., & Chandler, C. (2009). Effects of hippotherapy on people with cerebral palsy from the users' perspective: a qualitative study. *Physiother Theory Pract*, 25(3), 174-192. doi:10.1080/09593980902776662
- Diener, E., & Diener, C. (1996). Most people are happy. *Psychological science*, 7(3), 181-185.
- Diener, E., & Emmons, R. A. (1984). The independence of positive and negative affect. *Journal of personality and social psychology*, 47(5), 1105-1117. doi:10.1037/0022-3514.47.5.1105

- Fusch, P. I., & Ness, L. R. (2015). Are we there yet? Data saturation in qualitative research. *The qualitative report*, 20(9), 1408.
- Gregati, E. L., & Silva, F. G. (2016). A interface entre atendimento psicológico, equoterapia e autismo. *Universitari@*, 1148-1158.
- Johansen, S. G., Arfwedson Wang, C. E., Binder, P.-E., & Malt, U. F. (2014). Equine-facilitated body and emotion-oriented psychotherapy designed for adolescents and adults not responding to mainstream treatment: A structured program. *Journal of psychotherapy integration*, 24(4), 323.
- Kendall, E., Maujean, A., Pepping, C. A., Downes, M., Lakhani, A., Byrne, J., & Macfarlane, K. (2015). A systematic review of the efficacy of equine-assisted interventions on psychological outcomes. *European Journal of Psychotherapy & Counselling*, 17(1), 57-79.
- Lentini, J. A., & Knox, M. S. (2015). Equine-Facilitated Psychotherapy With Children and Adolescents: An Update and Literature Review. *Journal of Creativity in Mental Health*, 10(3), 278-305. doi:10.1080/15401383.2015.1023916
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of personality and social psychology*, 71(3), 616-628. doi:10.1037/0022-3514.71.3.616
- Lyubomirsky, S., Sheldon, K. M., & Schkade, D. (2005). Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. *Review of general psychology*, 9(2), 111-131. doi:10.1037/1089-2680.9.2.111
- Majewski, R. L., & de Oliveira, D. d. S. (2020). Equoterapia: um olhar clínico sobre o equino terapeuta *Vivências*, 17(32), 399-408.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 4(1), 0-0.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2011). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (2. ed., pp. 55-69). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ostrom, T. M. (1969). The relationship between the affective, behavioral, and cognitive components of attitude. *Journal of experimental social psychology*, 5(1), 12-30.
- Patton, M. Q. (1999). Enhancing the quality and credibility of qualitative analysis. *Health services research*, 34(2), 1189-1208.
- Roberts, M. (2020). *O homem que ouve cavalos* (23 ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Romaniuk, M., Evans, J., & Kidd, C. (2018). Evaluation of an equine-assisted therapy program for veterans who identify as 'wounded, injured or ill' and their partners. *PLoS One*, 13(9), 1-15. doi:10.1371/journal.pone.0203943
- Rowland, W. (2001). Nothing about us without us; Some Historical Reflections on Disability Movement in South Africa. *Disability World Issue*, 11.

Shen, R. Z. Z., Xiong, P., Chou, U. I., & Hall, B. J. (2018). "We need them as much as they need us": A systematic review of the qualitative evidence for possible mechanisms of effectiveness of animal-assisted intervention (AAI). *Complement Ther Med*, 41, 1-29. doi:10.1016/j.ctim.2018.10.001

Souza, D. V. d., & Zioni, F. (2003). Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. *Saúde e Sociedade*, 12, 76-85.

Tuuvas, M., Carlsson, J., & Norberg, J. (2017). A healing relationship: Clients' experiences of the long-term relational significance of the horse in horse assisted psychotherapy. *European Journal of Psychotherapy & Counselling*, 19(3), 307-328. doi:10.1080/13642537.2017.1348375

Wilson, K., Buultjens, M., Monfries, M., & Karimi, L. (2017). Equine-Assisted Psychotherapy for adolescents experiencing depression and/or anxiety: A therapist's perspective. *Clinical child psychology and psychiatry*, 22(1), 16-33.

Woyciekoski, C., Stenert, F., & Hutz, C. S. (2012). Determinantes do bem-estar subjetivo. *Psico*, 43(3), 280-288.